

MARAMBAIA: IMAGINÁRIO E HISTÓRIA

Prof. Dr. Luciana de Amorim Nóbrega

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRuralRJ

A Ilha da Marambaia, situa-se no litoral Sul Fluminense, dentro da área de influência e estudo da UFRuralRJ e nela professores das mais diversas áreas vêm desenvolvendo pesquisas, especialmente as ligadas às áreas de Biologia e Botânica dada a riqueza de sua fauna e flora e à preservação do meio ambiente, graças ao estado de isolamento provocado pelo acesso restrito de visitantes, controlado pela Marinha que nela mantém um centro de adestramento.

Dentro do espírito de interesse, troca de experiências e cooperação com a comunidade no entorno da Universidade, professores do Departamento de Ciências Sociais da Rural vêm desenvolvendo pesquisas sobre passado, instituições e problemas atuais desta ilha, cuja história ainda está para ser contada. Especificamente para a Área de Ciências Sociais e para o Curso de História, é de enorme interesse o maior conhecimento das tradições, costumes, crenças e meios de sobrevivência da população assim como do processo e evolução das características de sustentação da região, tendo em vista que tudo o que é relatado sobre ela advém de escritos dos descendentes do Comendador Joaquim Breves, seu dono em meados do século XIX ou pela própria Marinha.

A pesquisa da qual se origina este trabalho, visa a integração dos diferentes conhecimentos desenvolvidos na UFRuralRJ para o crescimento, não só do que se pode apreender da realidade nessa visão múltipla, mas principalmente, pela convivência e troca de informações entre professores e alunos das diferentes áreas envolvidas, com metodologias e análises diferenciadas.

Assim, nossa proposta é um esforço de diálogo e de construção de novos enfoques analíticos nas áreas de História, Sociologia, Antropologia e Agronomia a respeito do passado histórico e da história de vida da população da Ilha da Marambaia, remanescente de escravos das fazendas de café do Comendador Breves e do entreposto de recebimento, triagem e “engorda” de escravos, até o fim da década de 1880. Alguns historiadores ressaltam a figura do Comendador como grande empreendedor da época, pela instalação na Ilha do primeiro “centro reprodutor” de escravos de que se tem notícia na região do Rio de Janeiro. Esta informação parece ter base de veracidade, pois alguns moradores mais idosos lembram de ouvir de seus avós histórias da participação deles como “reprodutores”, segundo suas palavras.

A memória dos habitantes, que se não for registrada agora, corre o risco de desaparecer pelo contato cada vez mais freqüente e dependente com o modo de vida do continente e pelo

envelhecimento da população, ainda se preserva pelo isolamento que conservou hábitos e costumes que já se perderam entre os demais habitantes do litoral do Rio de Janeiro.

A palavra Marambaia é de origem tupi-gurani : “Mbara- mbai”, que significa “cerco do mar” , nome dado pelos primeiros habitantes da região à baía protegida entre a restinga e o continente, devido ao contraste de seu mar calmo com o mar revolto do restante da costa. Hoje a baía é conhecida pelo nome de baía de Sepetiba.

A Ilha faz parte do conjunto da Marambaia que incluindo a Restinga, se estende por 42,5 km. A população, de cerca de 400 moradores, apresenta uma concentração nas faixas etárias de 0 a 15 anos e com mais de 50 anos e se distribui por cerca de 100 famílias dispersas por várias praias com maior concentração na Praia Suja, perto das instalações da Marinha, na parte Norte da Ilha. A composição etária da população demonstra uma forte tendência dos mais jovens migrarem, forçados pela ausência de oportunidades de trabalho e pela dificuldade de sobrevivência na Ilha, além da falta de qualquer tipo de diversão. Fatos estes agravados pela intensificação do processo de expulsão e de apossamento crescente da terra pela Marinha.

A história da Ilha da Marambaia está entrelaçada à da região em que se encontra desde que se começou a registrar o que ali ocorria, pois até hoje não foi possível conhecer o que se passava nesta área antes dos sabidos conflitos e costumes da Confederação dos Tamoios e seu apoio aos franceses que invadiram a Baía de Guanabara, ai incluído Cunhambebe e seus feitos.

A história da ocupação desta região e da Ilha é bastante conturbada, pois além da população nativa que a habitou desde sempre, - foi constatada pelos pesquisadores a existência de depósitos de conchas e detritos que poderiam, numa investigação mais aprofundada, vir a ser caracterizada como *Sambaquis* -, pode-se verificar que o interesse de outros povos pela sua posse remonta ao século XVII, quando da tentativa de ocupação comandada pelo almirante holandês Joris Von Spilbergen, à procura de frutas e água potável.

Esta primeira invasão foi frustrada pela intervenção de Martim de Sá, que possuía fazenda na região, e que agiu a tempo de combater-la.

No início do século XVIII, nova invasão, desta vez bem sucedida. Os franceses, contornando a restinga e a Ilha, desembarcaram em Guaratiba e atingiram seu objetivo, alcançando, por terra, o Rio de Janeiro.

As ilhas da baía de Sepetiba, e a cidade de Itacuruçá faziam parte da Comarca de Mangaratiba, e sua história se desenvolveu paralelamente aos ciclos econômicos até a segunda metade do século XIX, quando da compra da Ilha pelo Comendador Breves.

Com a chegada dos navios carregados de escravos, embora a compra tenha sido registrada em 1856, portanto após a abolição do tráfico negreiro, a ilha se transformou em posto de acolhida e triagem de escravos para suas fazendas de café.

A família Breves foi uma das maiores proprietárias de fazendas de café e de escravos do Estado do Rio de Janeiro, mas a figura principal é a do Comendador, que chegou a possuir 40 fazendas – a maior parte na região de Pirai e Vassouras - com uma mais de 2000 escravos em uma delas. O Comendador possuía também fazendas na Região de Mangaratiba, além da situada na ilha de Marambaia, e estabeleceu um intenso intercâmbio de escravos e mercadorias entre estas duas regiões

Com a morte do Comendador, no mesmo ano da libertação dos escravos, suas fazendas entraram em decadência, e conseqüentemente a que se localizava na Ilha também, tendo sido abandonada pelos herdeiros do Comendador. A população de escravos e seus descendentes, porém, continuou a ocupar a Ilha.

No ano seguinte, as terras da Marambaia foram vendidas pela família Breves à Companhia Promotora de Indústrias e Melhoramentos que, em 1896, transferiu, por dívidas, a propriedade ao Banco da República do Brasil

No início do século XX, a Ilha foi comprada pela União e instalada, pela Marinha, em 1908, a Escola de Aprendizes Marinheiros do Estado do Rio de Janeiro, transferida dois anos depois para a cidade de Campos.

Sob a jurisdição da Marinha, em 1924, a Diretoria de Portos e Costas estabeleceu ali uma colônia de pescadores e uma escola de curso primário e profissional de pesca e em 1927, a Marinha iniciou na Ilha a instalação de uma estação de piscicultura. Mas nenhum destes empreendimentos prosperou.

Em 1931, a Confederação Geral dos Pescadores do Brasil fundou na Ilha a sede da Colônia de Pescadores Z-23, que também não se desenvolveu.

Em 1933, a Ilha passou a ser área restrita com a instalação do Polígono de Tiro do Comando de Artilharia de Costa do Exército, continuando, porém sob jurisdição da Marinha.

O desenvolvimento econômico dessa região encontrou novo alento na década de 1940, durante o Estado Novo, quando foi construído na Ilha, através de uma ação de parceria entre o Estado e o Abrigo Cristo Redentor, um complexo industrial profissionalizante que incluiu a criação da escola de pesca Darcy Vargas, possibilitando o afluxo de uma nova população vinda de várias áreas do país.

Em 1939, o Presidente Getúlio Vargas doou a Ilha de Marambaia ao Abrigo Cristo Redentor para implantação do Projeto Darcy Vargas que foi realizado depois da derrubada de parte da

floresta e do saneamento do local com a construção de uma Cooperativa, de uma escola primária e de residências, com esgoto, água encanada e energia elétrica.

Ainda em 1939, o projeto foi ampliado, com a construção da Capela de Nossa Senhora das Dores, com clausura para as religiosas, hospital, farmácia, lavanderia, padaria, estaleiro, fábrica de gelo e fábrica de redes de pesca, assim como a criação de projetos de horticultura e pecuária para abastecimento dos operários e técnicos (150) e alunos (242) da Escola de Pesca.

Em 1940, inaugurada a escola primária Levy Miranda e colocada a pedra fundamental da Igreja, passa a funcionar também uma fábrica de conservas e prensamento de sardinha e filé de cação – Fábrica de Sardinhas Redentor.

Em 1943, Getúlio Vargas criou a Fundação Abrigo Cristo Redentor e em 1944, realizou-se a formatura da primeira turma de alunos da Escola de Pesca.

Nesta época, a produção de pesca da baía de Sepetiba originava-se, quase toda, da frota e dos pescadores da Ilha, situação que perdurou até 1952 quando, contrariando as expectativas e de forma lenta, a estrutura montada na Ilha entrou em decadência e em 1955, foi autorizada a reincorporação da Ilha à União, com todos os bens móveis e imóveis da Escola Técnica Darcy Vargas.

Em 1971, o Presidente Médici autorizou a reincorporação à União de todos os bens da Fundação Abrigo Cristo Redentor, tendo em vista que esta reconheceu não ter condições de manter a Escola de Pesca em funcionamento. A administração da Ilha voltou, então, ao Ministério da Marinha que ali ativou a Prefeitura Militar do Campo da Ilha da Marambaia, sucedida pelo Centro de Recrutamento do Corpo de Fuzileiros Navais e, em 1981, criou e mantém o Centro de Adestramento da Ilha da Marambaia.- CADIM.

Este breve histórico da Ilha da Marambaia foi aqui colocado para demonstrar a conturbada história de ocupação da Ilha da Marambaia e de como sua população foi sempre relegada a segundo plano não só em termos de sua história mas, e principalmente, de como foi ignorada como parte integrante e principal motivação de toda esta movimentação em torno da posse destas terras.

A morte de Breves selou o destino da população da Ilha, que entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, na luta pela sobrevivência, voltou-se para atividades de subsistência, como o plantio de roça familiar e a pesca, fazendo com que a população remanescente de antigos escravos, tivesse um papel relevante no processo de ocupação da Ilha da Marambaia.

Na década de 1960, com o avanço do processo de falência e de desativação das instalações da Escola e finalmente, com a efetiva ocupação da Ilha pelos Fuzileiros Navais, um novo redesenho do perfil étnico da comunidade foi configurado. Assim, hoje, a população residente na Ilha combina remanescentes desses dois momentos do seu desenvolvimento econômico.

É importante o resgate da memória da comunidade sobre o seu passado, seja ele “mítico” ou historicamente confirmado. As lembranças revelam-se como um instrumento importante da reconstituição de uma memória política. Entrevistas realizadas com moradores descendentes de escravos - que se automeiam “nativos” em contraste com a parte da população que permaneceu após a escola de pesca – e mais idosos, em especial as mulheres, demonstraram resistência a responder a perguntas sobre o período anterior à escola de pesca, o que pode indicar lembranças de um cotidiano penoso no qual as condições materiais de sobrevivência são consideradas mais difíceis que as de hoje.

Até recentemente, antes da exacerbação do processo de expulsão de parte dos ilhéus pela Marinha, a comunidade local dividia a Ilha em duas partes: uma mais “escura” ao Norte e outra, mais “clara”, ao Sul. Esta diferenciação de áreas de moradia nos dias de hoje é bem menos perceptível, pois foram encontrados descendentes de ex-escravos na parte Sul da Ilha, bem como ex-empregados ou ex-alunos e seus descendentes na parte Norte. Além disso, as famílias tradicionais da Ilha (cerca de oito sobrenomes se repetem, combinados de várias maneiras pelo total da Ilha) não possuem território delimitado.

Nas idas à ilha, pudemos verificar a existência de uma população idosa e totalmente dependente da pesca para sua sobrevivência e mesmo esta sobrevivência se mostra bastante precária devido à pesca predatória realizada por barcos pesqueiros de grande porte na baía de Sepetiba..

Um dos aspectos mais instigantes deste trabalho é a pesquisa das formas de sobrevivência desta população que foi abandonada na Ilha como ex-escravos de eito, sem intimidade com o mar e sua saída necessária e obrigatória da sobrevivência pela pesca.

A população se constitui, pois, de descendentes de escravos da antiga fazenda e do entreposto dos Breves, da população caiçara vinda de outras ilhas e do litoral da baía de Sepetiba e de antigos alunos e funcionários da Escola de Pesca e seus descendentes que viviam à sua volta e foram também – assim como as instalações - deixados para trás pelo Abrigo Cristo Redentor.

O que faz desta região uma área especial para a realização da pesquisa a que nos propusemos é a possibilidade de estudo de traços da permanência de raízes culturais negras, conservadas pelos descendentes dos escravos que, em sucessivas levadas, foram levados à Ilha e ali passaram a viver após a supressão da escravidão no Brasil.

Pelo que se pesquisou até o momento sobre a história e os diferentes componentes étnicos e culturais da população, pode-se verificar a riqueza do material que ainda resta a ser pesquisado e a grandeza do conteúdo social que pode trazer à nossa área de estudos: o conhecimento da sabedoria popular - cada vez mais valorizada nos dias de hoje, quando vivemos uma crise de paradigmas - e as tradições de uma população tão próxima da Universidade Rural e tão pouco estudada em seus aspectos sócio-econômicos e culturais.

A população remanescente, fruto da miscigenação de negros, índios e brancos, é hoje composta basicamente de pessoas de idade adulta sendo em sua maioria idosos que se mantêm afastados, morando em casas de construção precária ao longo das praias já que seu sustento provém quase que inteiramente da pesca. Desde nossa primeira visita a Ilha, verificamos a integração da população com o mar, pois dele vem à vida, a subsistência, a ligação com o mundo externo, e mesmo após a morte, no cemitério, os túmulos são voltados para o mar

Sendo a população em sua esmagadora maioria descendente dos escravos ali deixados após a abolição, estas terras poderiam ser incluídas nas chamadas “terras de preto” - “domínios doados, entregues ou adquiridos, com ou sem formação jurídica, por famílias de escravos” – (artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias) de enorme interesse de estudo sociológico e antropológico já que, sendo a área isolada, preservada e mantida sob a guarda da Marinha, as características culturais e de instrumentos de subsistência tem a chance de estarem em melhores condições de estudo e pesquisa que outras áreas que vêm sendo estudadas no litoral do Estado do Rio de Janeiro, mas que sofreram pressões de mudança em seus padrões de vida, principalmente afetados pela exploração de recursos naturais.

No momento atual, existe uma questão na Justiça em que se enfrentam os moradores, que lutam pela sua permanência naquelas terras das quais se julgam com direito à posse, e a Marinha que move ações de despejo contra alguns moradores, contestando o fato de terem direito a terra pela não existência comprovada de quilombos na Ilha o que tornaria, juridicamente, esses moradores donos das terras.

A existência de quilombos é contestada pela Marinha e até o momento não foram devidamente estudados os possíveis locais onde poderiam existir, mas mesmo que se prove a inexistência deles, restam questionamentos que até agora não foram respondidos :

- escravos e isolados desde a sua chegada à Ilha, sobreviveriam se fossem para o litoral?
- podem ser colocados na categoria de “remanescentes de quilombos”? na de “terras de pretos” ou teríamos que criar uma nova categoria ?
- que tipo de contrato de venda foi feito entre a família Breves e o Banco da República do Brasil? Se cogitou desta população ?
- quantos e quais entrepostos de escravos já foram estudados no Brasil ? e no estado do Rio de Janeiro ? O que foi feito da população remanescente, em termos de posse da terra ?
- como a população sobreviveu na Ilha até desenvolver técnicas apropriadas de pesca? O que produziam para sua sobrevivência ? Qual a história destes sistemas produtivos ?

Outra faceta instigante desta ilha é a de seu imaginário rico e fértil, que perpassa todos os relatos dos moradores quando se fala do passado e até mesmo dos acontecimentos atuais de difícil

explicação ou que suscitam explicações que se encontram acima do entendimento comum ou cuja explicação leve a choques com a esclarecimento oficial da Marinha.

Há determinados assuntos que se tornaram tabus e sobre os quais pouco se fala e mesmo quando provocados, os moradores se recusam a comentar e sequer podem cogitar de uma visita ao local.

Um destes locais é o chamado Salão do Rato ou Toca do Rato Molhado, que nos foi mencionado por um professor, que ali realiza estudos de Biologia, como Caverna dos Cem Negros e que serviria de esconderijo para os escravos fugidos. Qualquer que seja seu nome esta gruta ou caverna, parece que de grandes proporções, é tida pela população como um lugar assombrado em cujo interior estaria guardado pelos espíritos dos antigos escravos o que eles chamam de “Tesouro dos Breves”, que seria o ouro e as peças valiosas levadas das fazendas dos Breves e escondidas pelos escravos para comprar sua liberdade. Esta história possui credibilidade suficiente para fazer com que a cobiça às vezes faça o medo ceder e nos leva a ter esperanças de em breve sermos levados até este esconderijo cuja localização, ao que parece, é desconhecida pela maior parte da população, embora todos creiam que ele exista.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ARRUTI, J. Maurício A.; MOTA, Fábio R. & RIOS, Mariza – *Relatório parcial de Caracterização da Comunidade negra da Ilha da Marambaia – Projeto Egbé – Territórios Negros*: KOINONIA, 2002.

BERTAUX, D. – “From the life history approach to the transformation of sociological practice”, in *Biography and Society – The life History Approach in the Social Science*. Beverly Hills, Sage, 1981.

BREVES, Armando de Moraes. *O Reino da Marambaia*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora, 1966.

BREVES, R. – *Sant’anna do Piraí e sua história*. Rio de Janeiro: Editora Diadorim, 1994.

CAMARGO, A. ; HIPOLITO, L.& LIMA, V. R. – “História de Vida na América Latina . In *BIB, Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*. ANPOCS, nº 16.

CHANFRAUT-DUCHET, Marie Françoise - “Narrative structures, social models, and symbolic representation in the life story.” In: Sherna Gluck & Daphne Patai (Editoras) *Women’s Words. The feminist Practice of Oral History*. New York, Chapman & Hall,1991.

CRAPANZANO, Vincent - “The self, the third and desire.” In: Benjamin Lee (E[Center for Psychological Studies, Chicago, Illinois] with collaboration of Kathleen Smith, *Psychological Theories of the Self.*, New York and London, Plenum Press, 1982.

- DEBERT, Guita G. – “ Problemas Relativos `a Utilização da História de Vida e História Oral”. In *A Aventura Antropológica. Teoria e Pesquisa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986
- FAJARDO, E.- *Cultura Caiçara*. Revista Ecologia & Desenvolvimento, 1994. págs. 29-31.
- FERREIRA, Marieta M. & AMADO, Janaína (org.) – *Usos e Abusos de História Oral* - Rio de Janeiro, 1995.
- GOFFMAN, Erving - *Ritual de la Interacción*. Buenos Aires, Tiempo Contemporáneo, 1970
- MAKING Histories – Studies in History-Writing and Politics*. Centre for Contemporary Cultural Studies, Hutchinson University Library, 1982.
- MINK, Louis – “Narrative form as a cognitive instrument.” In: R. H. Canary R. H. & H. Kozicki, H. (Ed.) *The Writing of History : Literary Form and Historical Understanding*. Madison, University of Wisconsin Press, 1978.
- MOTA, Fábio Reis. *Marambaia da Terra, Marambaia do Mar – Conflitos, identidade e meio ambiente no sul fluminense do estado do Rio de Janeiro*. Niterói: UFF/ Departamento de Ciências Sociais (Monografia de graduação), 2001.
- PEREIRA, L. A.; XEREZ, R. & PEREIRA, A. M. C. *Ilha da Marambaia (baía de Sepetiba/RJ): Resumo Fisiográfico, Histórico e Importância Ecológica Atual*. Ciência e Cultura (SBPC), maio/junho, 1990.
- ROSALDO, Renato - “Narrative analysis.” In: Renato Rosaldo, *Culture & Truth. The Remaking of Social Analysis*. Boston, Beacon Press, 1989.
- - “Subjectivity in social analysis.” In: Renato Rosaldo, *Culture & Truth. The Remaking of Social Analysis*. Boston, Beacon Press, pp. 168-195.
- SOUTHEY, R. – *História do Brasil*, São Paulo/SP: USP, 1981. págs 66-67 – cap. 33.
- SOUZA, J. P.; SILVA, D. F.; SILVA, J. B. & PEREIRA, C. C. – *Levantamento Etnobotânico dos Fitoterápicos da Ilha da Marambaia*. Seropédica: Anais da XVI Jornada de Iniciação Científica da UFRRJ - v.11, n. 2, p. 81-84, 2001.
- THOMPSON, P. – *Voices of the Past: Oral History*. Oxford, Oxford University Press, 1978.
- XEREZ, R. de & VIANA, G. G. *Levantamento preliminar dos dípteros Stratiomyidae ocorrente na Ilha da Marambaia (Baía de Sepetiba, Mangaratiba/RJ)*. Seropédica: Resumo da VIII Jornada de Iniciação Científica da UFRRJ, 1998. p. 249.

Periódicos

Jornal *O GLOBO*: “Desconhecidos senhores das praias do Rio”; pág. 44; 28/04/2002

Jornal *O GLOBO*: “Uma comunidade ameaçada na Marambaia”; pág. 30; 17/03/2002

Jornal *O GLOBO*: “Liminar garante direitos de negros na Marambaia”; pág. 24; 04/05/200